



# O Brasileiro Caxias

*Roberto Duailibi*

---

**A**s novas gerações brasileiras, atraídas por um cosmopolitismo vazio, não têm reverenciado, como é necessário, seus grandes heróis do passado. Heróis como Tiradentes, que sonhou com a independência, Pedro I, que a declarou, e Caxias, que a manteve com a espada e o diálogo em seus primeiros e arriscados decênios.

Os militares escolheram a data de nascimento de Caxias, 25 de agosto, para comemorar O Dia do Soldado. Nós, os civis, podemos também considerá-la “O Dia do Brasileiro”.

Foi uma grande geração de chefes militares e de chefes políticos a que construiu o Império. Não fossem eles, o Brasil estaria hoje fragmentado em dezenas de pequenos e frágeis países. Segundo o argentino José Maria Paz, eram homens de retórica contida, mas com a clara visão da política que lhes permitiu manter a integridade do território, garantir as liberdades públicas essenciais dentro do espírito do tempo e impedir o domínio local dos caudilhos cujas milícias foram desarmadas para se garantir o monopólio da força, condição essencial para a existência do Estado. Entre esses grandes fundadores do Império, uma personalidade destaca-se na dupla condição de patriota, a de soldado e cidadão, durante todo o Segundo Império: Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias,

o único militar brasileiro a ostentar o mais elevado título de nobreza das monarquias.

Caxias era, ao mesmo tempo, um homem do Exército e um homem de Estado. Sua ação militar e política, tanto no interior do País, no combate às rebeliões, como no exterior, nas intervenções cisplatinas e na Guerra do Paraguai, foi a de quem compreendia a grave responsabilidade de manter a independência e a integridade nacional com as armas, mas também com a persuasão política. Ele não hesitava, acompanhando seu pai, o Brigadeiro Francisco Lima e Silva, em apoiar as jornadas de 7 de abril de 1831, que levaram o Imperador Pedro I à abdicação. O príncipe português havia perdido o apoio da nova elite política nacional ao enveredar pelo caminho do despotismo. A partir da Regência, com Feijó e com Francisco Lima e Silva, consolidava-se o chamado “Partido Brasileiro”, que, com as naturais oscilações doutrinárias que o dividiam entre liberais e conservadores, conduziu o País até a Proclamação da República.

Muito se tem falado da generosidade de Caxias no trato com os rebeldes vencidos nas diversas campanhas que chefiou, sobretudo a partir da Revolução Farroupilha. Não se tratava, apenas, de traço moral. Era a sábia atitude de um estadista. Ele entendia que uma vitória só se consolida com a



Cerimônia militar no Dia do Soldado. Ao fundo, o Monumento Duque de Caxias, no Parque Ibirapuera, na Cidade de São Paulo

anistia aos vencidos. Caxias jamais tratou os derrotados com desdém e, até mesmo no rigor com que exigia a rendição, manifestava respeito para com o adversário.

“Tais são as coisas deste mundo”, ele dirá a Feijó, repetindo as palavras de seu adversário, na correspondência que trocaram, sobre os altos e baixos da política que os colocavam em campos opostos na Revolução de 1842. Fora um duelo em torno de razões adjetivas: Feijó, já alquebrado e enfermo, levantara-se em armas, em Sorocaba, contra a facção áulica que tutelava o Imperador e morreria meses depois. Caxias considerava que o respeito ao Imperador adolescente era indispensável à segurança do Estado, enquanto Feijó, Rafael Tobias de Aguiar e Teófilo Ottoni, ao reclamarem a ordem política, opunham-se a uma ditadura de cortesãos. No fundo, o objetivo patriótico era o mesmo, embora visto de ângulos diferentes.

Ao Duque de Caxias o Brasil deve a consolidação da independência. Com inteligência de estadista e bravura de militar, Caxias, que dedicou toda a sua vida à Nação, assegurou nossa independência não em uma só batalha mas em muitas, desde os vinte anos, quando teve seu batismo de fogo na Bahia contra as tropas portuguesas, até à vitória contra o Paraguai, com a ocupação de Assunção em 1869, e como político até a morte em 1880.

Caxias deve ser olhado hoje, quando facções de todos os tipos buscam armar-se e tornam impenetráveis seus territórios, como o exemplo de como se constrói um Estado.

**Dr. Roberto Duailibi**— Natural da Cidade de Campo Grande, no Estado de Mato Grosso do Sul, o Dr. Roberto Duailibi é o atual Presidente do Conselho de Curadores da Fundação Cultural Exército Brasileiro. Empresário bem-sucedido na área de Propaganda e Marketing, é diretor-sócio de uma das empresas que mais se destacam no Brasil, a DPZ-Duailibi, Petit, Zaragoza Propaganda Ltda.

O Dr. Duailibi faz parte do Conselho da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), a maior escola do gênero do hemisfério, onde lecionou Redação por seis anos, além de ter sido diretor de cursos. Foi duas vezes Presidente da Associação Brasileira de Agências de Propaganda (ABAP) e é considerado “Líder Empresarial” por seus colegas de profissão. Por vários anos seguidos, recebeu o prêmio concedido pelo jornal *Gazeta Mercantil* de São Paulo.

É conferencista dos mais solicitados por associações, universidades, congressos e empresas do mundo inteiro.